



Revista de Educação PUC-Campinas

ISSN: 1519-3993

sbi.nucleodeeditoracao@puc-
campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de
Campinas
Brasil

Rodrigues Pimenta, Danilo

Disciplina e liberdade em Kant: um estudo a partir da obra "Sobre a Pedagogia"
Revista de Educação PUC-Campinas, vol. 18, núm. 3, septiembre-diciembre, 2013, pp.
349-354

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=572061925011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Disciplina e liberdade em Kant: um estudo a partir da obra “Sobre a Pedagogia”

Discipline and freedom in Kant: A study from “On Pedagogy”

Danilo Rodrigues Pimenta¹

Resumo

Quando Kant foi professor na Universidade de *Königsberg*, as disciplinas pedagógicas eram secundárias, não existiam sequer professores específicos para elas. Esses se revezavam para ministrar as Lições de Pedagogia. Ficou a cargo de Immanuel Kant ministrar essas preleções em 1776/1777, 1783/1784 e 1786/1787. Foram essas lições que deram origem à obra “*Sobre a Pedagogia*”, que será analisada neste artigo. A referida obra oscila entre a exposição de princípios e enunciados de conselhos práticos. Trata-se de um texto conciso que se relaciona com suas pesquisas sobre a moral. A proposta deste artigo é investigar como, para Immanuel Kant, o aprimoramento da natureza humana ocorre por meio da educação, sendo a disciplina fundamental para esse propósito que, por sua vez, não está em desacordo com a liberdade. Enfim, o objetivo deste texto é percorrer a proposta kantiana de educação prática, tal como consta na obra “*Sobre a Pedagogia*”. Para essa finalidade, além da obra kantiana, não serão dispensadas as produções de estudiosos do pensamento do filósofo alemão.

Palavras-chave: Disciplina. Educação. Liberdade.

Abstract

When Kant was professor at the University of *Königsberg*, pedagogical disciplines were secondary and no specific professors were assigned to teach them. Faculty members took turns lecturing lessons on Pedagogy. Immanuel Kant was assigned to give these lectures in 1776/1777, 1783/1784, and 1786/1787. His book “*On Pedagogy*”, which is analyzed in this article, originated during these lectures. The book ranges between an exposition of principles and statements on practical advice. It is a concise piece of work associated with his moral investigations. The aim of the article is to investigate how, according to Kant, the betterment of human nature occurs through education, discipline being imperative for such purpose, which in turn is not in disagreement with freedom. The objective of this article is to analyze Kant’s proposition of practical education as stated in his work “*On Pedagogy*”. For this purpose, along with Kant’s work, studies of scholars on the German philosopher will be used as reference.

Keywords: Discipline. Education. Freedom.

¹ Doutorando, Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação. Av. Bertrand Russel, 801, Cidade Universitária Zeferino Vaz, 13083-865, Campinas, SP, Brasil. E-mail: <danilopimenta@hotmail.com>.

Introdução

A proposta deste texto é seguir a leitura de *"Sobre a Pedagogia"* privilegiando a introdução e a parte em que o autor se debruça sobre a educação prática. "O homem é a única criatura que precisa ser educado", afirma Kant (1996, p.11) na primeira frase da referida obra. Os animais não precisam ser cuidados, no máximo eles precisam ser alimentados, não necessitam de uma razão exterior para ajudá-los a agir no mundo. A espécie humana não tem instinto e, por isso, necessita formar seu projeto de conduta extraindo de si mesma, "com suas próprias forças, todas as qualidades naturais que pertencem à humanidade" (Kant, 1996, p.12). O homem é o único animal que precisa ser educado porque é único que possui razão. Conforme Pinheiro (2007, p.33):

A afirmação de que a razão é um dom dado ao homem pela natureza encontra sua explicação quando Kant nos faz ver que a natureza dotou o homem com um tipo especial de disposição, não encontrada em nenhum outro animal. Essa disposição é a razão, apenas encontrada nos homens. Segundo podemos perceber na sequência das afirmações de *Sobre a Pedagogia*, a razão cumpre a tarefa de diferenciar o homem dos outros seres; entretanto, ela não vem acabada, pronta. É necessário um longo caminho para que a razão possa cumprir a totalidade de sua tarefa. Por isso, a educação encontra um espaço tão importante na filosofia de Kant, já que o mais importante fator diferencial do homem, a razão, necessita de um processo educacional para seu desenvolvimento.

Disciplina e aprimoramento da humanidade

Vale lembrar que Kant não se refere a uma educação do indivíduo, mas da humanidade, em que uma geração educa outra. Para isso, são necessários três elementos que constituem a formação: o cuidado, a disciplina e a instrução. Por cuidado Kant entende as precauções que os pais ou o preceptor devem ter para que a criança não faça uso prejudicial de suas

próprias forças. Já a disciplina é o que impede o homem de desviar-se de sua humanidade, ou seja, ela é o que "transforma a animalidade em humanidade" (Kant, 1996, p.11). Por isso, a disciplina é sempre negativa, visto que ela tira o homem de sua selvageria, submetendo-o às leis da humanidade, isto é, a disciplina impede que a parte animal do homem não o deixe chegar à humanidade (Zeni, 2010). Assim, nota-se que desde cedo é necessário recorrer à disciplina, "pois, de outro modo, seria muito difícil mudar depois o homem" (Kant, 1996, p.13). Em outras palavras, é preciso, desde cedo, que a criança aprenda a seguir os preceitos da razão. Por formação, Kant entende a união da disciplina com a instrução (aquisição de cultura). A falta tanto de uma como de outra faz um enorme mal ao processo educativo. "Quem não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto; quem não tem disciplina ou educação é um selvagem" (Kant, 1996, p.16). Todavia, Kant destaca que o descuido com a cultura é um mal menor que o descuido com a disciplina, pois os defeitos provocados com a falta de cultura podem ser remediados mais tarde, ao contrário do estado selvagem ocasionado pela ausência de disciplina. Portanto, é por meio desses três passos, cuidado, disciplina e instrução que é possível uma verdadeira formação do homem. Em suma, é a educação que completa o homem, buscando desenvolver nele certas qualidades naturais, fazendo-o avançar em direção à perfeição da natureza humana. Logo, é a educação que aprimora essa natureza.

Na perspectiva kantiana há um aprimoramento da educação, sendo que essa se torna cada vez melhor, o que leva o autor de *"Sobre a Pedagogia"* a crer que as futuras gerações darão passos largos em direção ao aperfeiçoamento da humanidade, visto que esse é propiciado pela educação (Kant, 1996). O filósofo de *Königsberg* reconhece a dificuldade de realizar seu projeto pedagógico, o que não significa que ele seja irrealizável, pois os obstáculos não são insuperáveis, visto que é absolutamente possível uma educação que desenvolva nos homens todas suas disposições naturais. "O projeto de uma teoria da educação é um ideal muito nobre [...]. Não devemos

considerar uma idéia como quimérica e como um belo sonho só porque se interpõem obstáculos à sua realização” (Kant, 1996, p.17).

Os homens têm disposições naturais a serem desenvolvidas, mas para isso é necessário que a pessoa responsável pela educação da criança seja ilustrada, o que não ocorre na maioria dos casos, pois como o próprio Kant observou, normalmente os homens não têm ideia alguma da perfeição da natureza humana (Kant, 1996). Todavia, quando Immanuel Kant se refere ao aperfeiçoamento da natureza humana, ele não tem em vista o homem singular, mas a humanidade, isto é, a espécie humana.

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a espécie humana a seu destino (Kant, 1996, p.19).

Educação e moralidade

As disposições naturais que a educação busca desenvolver no homem são disposições para o bem, ou seja, disposições para uma moralidade. O desenvolvimento dessas disposições é “o mais árduo problema que pode ser proposto aos homens” (Kant, 1996, p.20). O ser humano possui disposições naturais para o bem, mas essas não são desenvolvidas por si mesmas, o que faz o processo educativo ser uma arte, uma *techné*, sendo sua origem racionada e executada de modo cosmopolita, visto que o bem geral não é prejudicial ao bem individual (Kant, 1996). É por meio do esforço de pessoas dotadas de inclinações para o bem que a natureza humana pode aproximar-se pouco a pouco de sua finalidade.

As pessoas particulares devem em primeiro lugar estar atentas à finalidade da natureza, mas devem, sobretudo, cuidar do desenvol-

vimento da humanidade, e fazer que ela se torne não somente mais hábil, mas ainda mais moral e, por último - coisa muito mais difícil -, empenhar-se em conduzir a posterioridade a um grau mais elevado do que elas atingiram (Kant, 1996, p.26).

Segundo Kant, o homem deve ser disciplinado para domar sua selvageria, não prejudicando a si mesmo, nem a sociedade. Deve possuir habilidades que são úteis em todos os casos, como aprender a ler e a escrever. Deve, ainda, tornar-se prudente, ou seja, civilizado. Outra característica fundamental de sua pedagogia é a relação entre a sua proposta educacional e a moralização. Por moralização entende-se escolher os fins que são aprovados por todos e que são ao mesmo tempo os fins de cada um. Em outras palavras, moralização consiste em ser livre para escolher uma lei prática ordenada pela razão, independente da causalidade empírica (Kant, 1996). Dessa forma, reconhece Kant, as crianças precisam aprender a pensar. Não basta treiná-las, elas necessitam ser verdadeiramente ilustradas. Aqui se percebe a ligação do filósofo alemão com o pensamento iluminista. As crianças devem ser ensinadas a agir por dever, ou seja, a reconhecer a validade universal da lei moral e segui-la por esse motivo, não por outro qualquer.

Para Kant, se os desejos, os impulsos, impressões ou qualquer objeto da faculdade de desejar forem condições para o princípio da regra prática, então o princípio será empírico, não será lei prática, não haverá unidade em incondicionalidade do agir, e assim, não garantirá a autonomia. A lei moral deve ser independente da experiência. Uma vontade boa determina-se a si mesma, independente de qualquer causalidade empírica, sem preocupar-se com o prazer ou a dor que a razão possa provocar (Vicente, 2007, p.27).

A lei moral independe dos fenômenos e essa independência se denomina liberdade, sendo ela (a lei moral) universal e necessária. Essa lei tem valor em

si mesma, por isso ela não é determinada por algo exterior. Antes é um imperativo ordenado pela razão e que pode adotar numerosas formas. Mas a divisão primordial kantiana é entre a variedade hipotética e a categórica.

As primeiras mandam hipoteticamente, recomendando um curso de ação apropriado a um certo fim. Se este é um 'fim possível', então o imperativo é hipotético e problemático ou uma 'regra de habilidade' da forma: 'Se você realizar *w* e *x*, então faça *y* e *z*'. Se esse fim é 'pressuposto como real para todos os seres racionais', como 'felicidade', então, o imperativo é hipotético e assertório ou um conselho de prudência da forma 'Se você for *x* (= feliz), então faça *y*'. Em contraste, um imperativo categórico 'declara que uma ação é intrínseca e objetivamente necessária sem qualquer propósito', e é, portanto, uma lei apodíctica da moralidade (Caygill, 2000, p.191).

A lei da moralidade é formulada em imperativo categórico, sendo que a sua formulação geral é: "age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal" (Kant, 1974, p.223). Há pelo menos duas maneiras de cumprir o dever, pois se pode agir *conforme* o dever e *por* dever. A primeira consiste em seguir a lei moral, mas por uma inclinação pessoal. Assim, pode-se seguir o dever pelo medo das punições de seu não cumprimento. Contudo, Kant nos mostra que o agir moral deve seguir a lei moral, não por inclinação pessoal, mas por reconhecer nela validade universal determinada única e exclusivamente pela razão. A isso Kant chama de agir por dever (Vásquez, 2008). Logo, uma ação é autônoma quando ela se guia pela lei moral, ou seja, a autonomia consiste em agir por dever, ao passo que a ação heterônoma é aquela que se orienta por algo exterior à razão prática.

É relevante lembrar que uma moral deontológica, que exige a noção do dever e do imperativo categórico, não almeja simplesmente um interesse da razão pura prática, com o intuito de fundamentar uma teoria moral puramente *a priori*,

mas dar conta do problema da fragilidade humana. É o respeito pela lei moral que permite ao homem domar suas inclinações sensíveis e afastar-se dos vícios. Logo, o processo formativo-educacional toma como ponto de partida a fragilidade humana. Assim, a autogestão deve iniciar-se na infância, período em que a criança precisa viver mediante regras para que, na fase adulta, viva livremente a obrigatoriedade da lei moral (Dalbosco, 2011).

Disciplina e liberdade

Aqui se está diante de um dos maiores problemas da educação: o de conciliar a submissão à lei com o exercício da liberdade. Foi dito que a submissão, a disciplina, é necessária para domar a selvageria, para civilizar o homem. Mas, como cultivar a liberdade? "É preciso habituar o educando a suportar que a sua liberdade seja submetida ao constrangimento de outrem e que, ao mesmo tempo, dirija corretamente a sua liberdade" (Kant, 1996, p.34). Com essa passagem, Kant nos mostra que é necessário que a criança sinta a resistência da sociedade para que se possa tornar autônoma. É o constrangimento que ensina a criança a usar sua liberdade de modo a não impedir que os demais também a exerçam.

Para solidificar o caráter moral nas crianças é necessário "ensinar-lhes, da melhor maneira, através de exemplos e de regras, os deveres a cumprir. Estes deveres são aqueles costumeiros, que as crianças têm em relação a si mesma e aos demais" (Kant, 1996, p.95). O dever consigo conserva sua dignidade, a dignidade da natureza humana. Quando nos entrega ao vício nos rebaixa. "O homem torna-se desprezível a seus próprios olhos quando cai no vício" (Kant, 1996, p.106). "O dever para consigo mesmo, porém, consiste, diríamos, em que o homem preserve a dignidade humana em sua própria pessoa" (Kant, 1996, p.97). Já o dever para com os demais faz com que a criança perceba quando sua conduta é contrária ao direito da humanidade. Por isso, alerta Kant, desde cedo se deve cultivar na criança e fazê-la praticar o respeito para com os outros. Portanto, a educação é estabelecida por princípios da razão, mas como

observou Zeni (2010, p.46): “A educação moral não é o ensino de normas e regras morais, é antes o próprio pensar por si mesmo, de forma que a autonomia é requerida como princípio para a possibilidade da educação moral”. Logo, a moralidade acompanha todo o processo educativo, o que a faz “A pedra angular de um plano de educação” (Vincenti, 1994, p.63).

Para Kant a educação consiste no processo que permite ao homem sair da escravidão de suas inclinações sensíveis para usar corretamente a razão. Desse modo, nota-se que o anseio de “*Sobre a Pedagogia*” é “educar as crianças para que não sejam escravas de suas próprias inclinações sensíveis, o que consistiria na disciplina do corpo e, assim, a parte negativa, transformando o que Kant chama de animalidade em humanidade” (Zeni, 2010, p.53). Assim, nota-se que a proposta pedagógica de Kant é desenvolver a autonomia do educando de modo que o mesmo aprenda a se guiar pela razão, tornando-se, dessa maneira, livre e autônomo. Livre dos impulsos que o impede de agir por dever. Portanto, a moralidade tem sua origem no do processo educativo, que por sua vez baseia-se no dever (Mayer, 1976).

A pedagogia kantiana caminha em direção à moralidade, visto que é por meio da educação que é possível o aperfeiçoamento da natureza humana, tornando assim o homem um ser moral (Mayer, 1976). Em “*Sobre a Pedagogia*”, na parte referente à educação prática, seu autor nos mostra que o homem não é naturalmente bom, tampouco naturalmente mau, pois a moralidade não é natural. O homem possui inclinações para os vícios, enquanto sua razão o impulsiona na direção oposta (Kant, 1996). O filósofo aqui estudado entende o vício como uma violência à dignidade da natureza humana, que pode ser corrigida por meio da virtude, isto é, da elevação, pelo homem, da razão aos conceitos do dever e da lei, tornando-se, assim, moral. “Kant não abandona em momento algum sua meta moral. A finalidade da humanidade é posta a claro com a determinação cautelosa do caminho da educação. Vemos, com isso, que a educação constitui a pedra de toque para a possibilidade do fim último dos homens” (Pinheiro, 2007, p.84), proporcionando a esses a capacidade de

pensar autonomamente. Disso decorre que liberdade e disciplina não são contraditórias, pois em um primeiro momento a criança precisa ser habituada ao fato de que sua liberdade é submetida a uma obediência passiva, para posteriormente obedecer a si mesma, passando assim a governar sua própria liberdade. Como afirmou Kant: “É preciso habituar o educando a suportar que a sua liberdade seja submetida ao constrangimento de outrem e que, ao mesmo tempo, dirija corretamente sua liberdade (Kant, 1996, p.34). Por isso é necessário provar para a criança que o constrangimento que lhe é imposto vai conduzi-la à descoberta e ao bom uso de sua liberdade. É dessa maneira que a criança desenvolverá uma obediência voluntária, baseada na própria razão, possibilitando a descoberta da autonomia.

Para Kant, o homem só toma consciência de sua liberdade por meio da lei moral e essa só ocorrerá pela educação. Como declarou Costa (2009, p.23): “A disciplina não se justifica por si mesma e o seu exercício provisório evita que o educando se acostume a viver numa idade pré-moral e pré-racional, numa condição de menoridade, escravo dos seus próprios caprichos”. O uso da disciplina desde a primeira infância exerce o papel de ensinar a criança a, na fase adulta, submeter-se às leis da humanidade, leis que regem toda humanidade, a saber, à moralidade. Portanto, “Os caprichos e inclinações devem ser controlados o mais cedo possível para viabilizar a construção de ações verdadeiramente esclarecidas, racionais, autônomas e morais na vida adulta” (Costa, 2009, p.23).

Considerações Finais

Enfim, disciplina e liberdade caminham juntas no pensamento de Immanuel Kant, pois a disciplina é imprescindível para vencer os impulsos sensíveis, possibilitando à espécie humana reconhecer, na razão, a possibilidade de exercer a liberdade da moralidade. Para o filósofo alemão, aos poucos a disciplina se interioriza e o educando passa a obedecer a si mesmo, quando descobre a liberdade. Trata-se de uma

obediência livre, não fundada na autoridade do outro, mas na autoridade da própria razão, descobrindo, assim, a autonomia. Dessa forma, a teoria kantiana de educação moral harmoniza disciplina e liberdade. A disciplina não é o fundamento da educação, mas é necessária para que a vontade não seja corrompida por inclinações sensíveis. Portanto, a vontade deve ser disciplinada para seguir a razão a fim de que se possa tornar autônoma e moral.

Referências

- Caygill, H. *Dicionário Kant*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- Costa, G.M. *Os conceitos kantianos de disciplina e autonomia: uma leitura filosófico-educacional*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- Dalbosco, C. *Kant e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- Kant, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- Kant, I. *Sobre a pedagogia*. Piracicaba: Unimep, 1996.
- Mayer, F. *História do pensamento educacional*. Porto Alegre: Jorge Zahar, 1976.
- Pinheiro, C.M. *Kant e a educação: reflexões filosóficas*. Caxias do Sul: UCS, 2007.
- Vásquez, A.S. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- Vicente, Z. *Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire*. Porto Alegre, EdUPUCRS, 2007.
- Vincenti, L. *Educação e liberdade: Kant e Fichte*. São Paulo: Unesp, 1994.
- Zeni, A.B. *Educação e autonomia: uma reflexão a partir da filosofia prática de Immanuel Kant*. Caxias do Sul: UCS, 2010.

Recebido em 15/4/2013 e aprovado em 27/5/2013.